



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O FERVOR DAS "LÍNGUAS": GLOSSOLALIA E PERFORMANCE ENTRE OS CARISMÁTICOS

Marcel Schmitz Gutιά

Programa de Pós Graduação em Antropologia Social - UFSC

marcelgutia@gmail.com

A partir das experiências encontradas nessa pesquisa, e tendo como impulso as novas elaborações proporcionadas pela Renovação Carismática Católica (RCC), observou-se que aos poucos, ela enquanto movimento vai se tornando um sistema de doutrinas dentro de outro conjunto maior, o catolicismo. O que Hervieu-Léger (1990, p. 6, apud CARRANZA et al, 2009, p.50) mostra, é que os sujeitos buscam se adequar à maneira deles a esses sistemas. Surge dessa maneira a espontaneidade em relação à participação dos interlocutores estudados, pois eles não se enquadram nas regras e padrões fixos de pertencimento ao grupo que nomeiam. Alguns não são “registrados” em uma das esferas hierárquicas da RCC, mas fazem questão de dizer que são carismáticos. O objetivo desse artigo é refletir sobre a participação de alguns carismáticos em atividades da RCC, focando, dentre outras, a glossolalia, ou como os próprios carismáticos chamam, “oração em línguas” e, a performance desenvolvida por seus participantes. Saliento que não abordarei a noção teórica de performance no decorrer desse texto, o que pode ser um erro metodológico, no entanto, o que abordarei como performance é ação ritual dos participantes no momento da glossolalia e em outros momentos das mesmas atividades carismáticas.

Esta pesquisa teve como base as histórias de vida e narrativa a partir da frequência em atividades da RCC de algumas pessoas que se deslocavam de seu bairro, em cidade da grande Florianópolis, para frequentarem as atividades do movimento em outras localidades, sendo que onde moravam o movimento não tinha atuação.

EXPERIÊNCIAS NA RCC

O objetivo, para os interlocutores que pesquisei, é, por meio das atividades carismáticas, como missas e eventos, ter encontro pessoal com Jesus, que em todos os diálogos mostrou ser um encontro sem formalidades, a fim de alcançarem coisas que muitos deles afirmavam não conseguir realizar sem essas atividades, como largar alguns



vícios e atitudes ruins. O exercício dessas experiências acontece na medida em que o indivíduo escolhe o que toma para si e o que não toma. Não há um simples enquadramento de uma camisa de força aonde se toma todas as regras e dela se vive numa ortodoxia. As escolhas do indivíduo permitem que a RCC, principalmente enquanto uma manifestação de aspectos religiosos atue no cotidiano do sujeito como “uma chancela de opções/experimentações” (SILVEIRA, 2008, p. 41).

As experiências, para alguns dos interlocutores, da ação de Jesus em suas vidas também moldaram o “ser” carismático. Isso se comprova em alguns depoimentos: “*O que vivi na Renovação me fez estar mais ligada a Jesus*” (Depoimento de uma interlocutora chamada Joana¹). “*Foi a Renovação e o poder de Jesus que me tornaram mais responsável e aberta às pessoas.*” (Depoimento de Abigail).

Num primeiro momento, foram as experiências individuais que tiveram papel central para essa adesão ao estilo carismático. Entre os casais pesquisados a adesão ao movimento ainda que tenha acontecido primeiramente seja com o marido, seja com a esposa, é atualmente dos dois, há uma adesão conjunta ao estilo carismático. Em relação aos filhos desses casais quase não há narrativas, as que existem dizem que eles participam das atividades do movimento quando são “convocados” pelo casal.

Robson: A Priscila [sua esposa] pôde sentir primeiro, todas as ações do Espírito Santo e da Renovação na vida dela, aos poucos sem saber como, parece que aquilo também passou pra mim, mas eu sabia que coisas que aconteciam com ela não aconteceriam comigo [...] Nossos filhos quase não participam, mas vão às missas carismáticas quando em alguns momentos convidamos, mas acho que eles ainda não entendem muito da Renovação.

Patrícia: Quando o Claudio [seu esposo] participava, eu quase não queria saber. Depois, até mesmo por ele, pra ajudá-lo é que me tornei simpática do

¹ - Mesmo que parte dos interlocutores tenha autorizado a utilização dos seus nomes verdadeiros, todos os nomes aqui utilizados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos mesmos interlocutores mediante a utilização dos seus depoimentos por parte de minha pesquisa.

movimento, hoje realmente sabemos que a Renovação faz parte da nossa vida, tanto na minha quanto na dele sabemos o que a Renovação fez por nós.

Claudio: Nossas filhas sempre que podem nos acompanham, mas no fundo elas são boas, mesmo que não participam com frequência, elas nos entendem por essa opção.

Com as outras interlocutoras, a adesão é individual e única. Ainda que com tolerância dos demais membros da família, nenhum deles chega a ter a mesma efervescência que elas.

Joana: Nunca precisei dar satisfação pra ninguém do que eu faço ou deixo de fazer quando participo da Renovação. Meus filhos, como eu tinha te dito, sempre me apoiaram, participam um pouco, mas quem sabe um dia o Espírito Santo toca na vida deles com mais ardor.

Abigail: O meu marido achava estranho eu sempre sair de casa, mas passou a me apoiar, porque no fundo me tornei mais carinhosa com ele. Ele quase nunca foi numa missa dessas, acho que não tem muita paciência, mas sei que ele entende minha opção. O meu filho hoje é meio desligado dessas coisas de igreja, infelizmente não dá mais pra tocar na vida dele, mas ele é muito bom mesmo assim.

Izabel: Meu marido e meu filho não ligam pra minhas opções, mas é claro que mesmo assim eu dou satisfação pra eles. Eles até já participaram, mas não se importam se eu vou ou não, mas quem me leva sempre é um deles. Às vezes convenço de um deles ficar junto comigo. Mas mesmo que não ficam, sabem que “tô” fazendo o bem.

O interessante de observar é que a adesão desses interlocutores não gerou grandes conflitos na relação familiar. Ainda que alguns membros da família não tenham



tido a mesma adesão, a transformação, já relatada por alguns, em suas vidas, através da RCC, fez com que a relação familiar também se transformasse para algo descrito como melhor.

Essas relações, tanto do externo/social (das relações sociais, familiares) e do interno/individual (crenças e emoções) se inter-relacionam, mesmo que antagonicamente em alguns casos e são alinhavados por uma gama de sentidos que, ainda que para mim, o pesquisador, possa ser complicado de entender, para os interlocutores são totalmente compreensíveis e facilmente articuladas a partir de suas experiências dentro do movimento.

O GRUPO DE ORAÇÃO E AS “LÍNGUAS”

Para alguns pesquisadores, como já foi abordado, e até pelo que se apresenta no discurso oficial da RCC através de seus veículos de comunicação² “o grupo de oração seria [...] como um [lugar] legítimo da manifestação/articulação da identidade “carismática”” (SILVEIRA, 2008, p. 105). Isso não quer dizer, para os interlocutores, que as práticas que não estão relacionadas a grupos de oração sejam ilegítimas, elas apenas são diferentes.

Joana que frequenta mais assiduamente os grupos de oração me fez o convite para participar junto com ela de um encontro desse grupo numa capela na região central da cidade onde mora, na Grande Florianópolis. Tendo sido Joana a única dos interlocutores a me convidar abertamente a participar, é através dessa experiência que pretendo relatar parte da dinâmica de um grupo de oração.

Ceguei sozinho no grupo, fui acolhido de forma muito simpática por um jovem que esperava as pessoas na porta, entrei na capela com pouco mais de dez bancos, e me sentei bem atrás, a fim de observar o que iria acontecer. Era como se houvesse já naquele momento um rito de entrada. Na expressão de Silveira (2008),

existe um ato simbólico que “marca” a vinda das pessoas ao grupo: consiste em receber com braços abertos e apertos de mão e expressões

² - Pode ser fazer referência aqui mais especificamente a TV Canção Nova, ligada às práticas do movimento e uma de suas maiores divulgadoras.



verbais [*“Deus te abençoe. Seja bem vindo!”*]. Esse rito expressa uma percepção: ali seria outro lugar, outro tempo (p. 114).

Joana identificou minha chegada, mas continuou no seu lugar, acredito que não por indelicadeza, mas pelo fato deles estarem rezando o terço.³ Até aqui me parecia que o estudo de Prandi (1998) sobre os grupos de oração estava se concretizando também nesse caso, pois para ele “o primeiro momento de um grupo de oração é voltado para contrição, que na maior parte das vezes acontece com a reza do terço” (p. 62). De fato, em vários momentos do terço sempre havia pedidos perdão pelos pecados individuais e pecados do mundo: *Vamos pedir perdão pelas nossas falhas, nossos pecados que nos afastam de Deus, dos nossos irmãos [...] peçamos perdão a Deus pela maldade dos homens que tanto ferem as obras da criação.* (Joana)

Logo após a oração do terço, Joana convidou as pessoas a ficarem mais próximas umas das outras, eram cerca de oito pessoas ali presentes. A partir daquele momento percebi que Joana é quem estava assumindo o papel de liderança naquele encontro, ela indicava o que se iria ou não fazer naquele dia. Numa tentativa de não centralizar a atenção para si, a todo o momento ela perguntava se os demais participantes concordavam com o que era proposto.

Naquele instante, depois das falas dela, houve diversos cantos, um momento onde todos pareciam estar muito alegres, riam e gesticulavam conforme a letra da música. No final dos cantos, a alegria continuou quando Joana pediu para que as pessoas se cumprimentassem, abraços e sorrisos eram trocados simultaneamente, com expressões do tipo: “A paz de Jesus, meu irmão”; “Deus te abençoe nesse encontro”; “O Espírito Santo te dê muita luz.”

De repente, terminada a alegria dos cumprimentos e cantos, um longo silêncio foi iniciado no grupo, todos estavam de olhos fechados. A quebra desse silêncio aconteceu quando o mesmo jovem que me acolheu na porta, agora já participando das atividades, começou em voz alta a conduzir o momento dizendo:

³ - Prática católica, reconhecida oficialmente pelo Papa, de devoção a Maria, mãe de Jesus, que consiste na oração de 50 Ave-Marias e 5 Pai-Nosso, intercalados em cinco momentos, chamados de mistérios, nos quais meditam sobre a vida de Jesus.



Senhor manda teu espírito sobre nós, o Espírito Santo, para mudar nossa vida, mudar nossas atitudes, pra livrar-nos do mal e do pecado, manda Senhor, manda Senhor. [...] Meu irmão, minha irmã peça com todo clamor, mais uma vez perdão pelo seu pecado, faça mais um instante de silêncio e peça, Deus vai te ouvir.

Era mais um “momento de penitência” que o grupo fazia. O silêncio foi novamente quebrado quando o mesmo rapaz fortemente falou: *Amém*, que foi repetido por todos os membros no mesmo tom. Assim que mais esse momento, onde muito dos participantes clamavam a Deus para que perdoasse as faltas de cada um, foi concluído, Joana conduziu outro momento pedindo que os membros levantassem suas mãos para o céu e agradecessem em voz alta por tudo o que tinha acontecido de bom em suas vidas. Eram um coro de vozes que juntavam os mais diversos agradecimentos quase que aos gritos.

Num dado momento houve mais um repentino silêncio, que pouco tempo depois foi quebrado por Joana que começou a balbuciar palavras ininteligíveis. Ali pude presenciar pela primeira vez a chamada “oração em línguas”, que durou cerca de dois minutos. Os corpos das pessoas bailavam de um lado ao outro sem mesmo sair do lugar, as mãos estavam erguidas. No momento que Joana silenciou os demais silenciaram. Aquele balançar dos corpos me recordou a noção de técnicas corporais abordada por Marcel Mauss (1974), onde segundo ele “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo.” (p. 217).

Prandi (1998) destaca que “o sentido de ser carismático só pode [se] perceber a partir da crença [... no] Espírito Santo” (p. 45) e muito mais do que isso, na manifestação de seus dons. Nesse sentido, é pela ação do Espírito Santo, que existem os *dons carismáticos e dons naturais*.

O carisma significa graça, algo fornecido de forma gratuita, que vai além da vontade humana simplesmente. Referente aos dons, Prandi (1998) afirma que eles “não são concedidos por Deus para prestígio pessoal ou acúmulo de bens materiais, mas são



destinados para edificação e crescimento do corpo de Cristo, isto é, a Igreja” (idem). Segundo Higuete (1984), existe na RCC, ou ao menos é enfatizado pelo movimento, seis dons carismáticos: o da profecia, o dom da cura, dom de “línguas”, o dom do discernimento, da interpretação e da ciência. Os mais comuns, no entanto, são o dom de “línguas” e o de cura.

O dom de “línguas” é mais comum e o mais manifestado. Numa espécie de escala, é como se “falar em línguas” fosse um penhor direto de Deus. Também chamada de glossolalia, para a RCC,

o dom de “línguas” (ou como alguns chamam, “falar em línguas”) é uma forma sobrenatural de comunicação com Deus através do Espírito Santo, que é o doador deste carisma... Podemos usar este carisma quando sentimos grande entusiasmo e queremos glorificar a Deus, mas nossa mente não consegue “produzir” as palavras adequadas para expressar nossos sentimentos.

Não é possível em nenhum momento identificar semelhança sonora entre a oração em “línguas” e qualquer língua reconhecida - como será analisado em outro momento -, principalmente quando ela é manifestada em grupo, pois nenhuma pessoa ora em “línguas” da mesma maneira, como nas fórmulas de oração já tradicionais no catolicismo.

A oração em “línguas”, segundo os carismáticos estudados por Prandi (1998), é o mais perfeito louvor, só conseguido, dado o fato de o Espírito Santo retirar a pessoa das barreiras humanas. O Espírito não vai agir sobre todos, sendo assim, nem todos tem o dom, visto que se é algo de Deus, ele distribui conforme sua vontade.

Com a conclusão dessa “oração em línguas”, que nem todos manifestaram, Joana convidou todos a se sentarem e escutarem a leitura da bíblia: *Jesus vai nos falar mais uma vez hoje, vamos escutar o que ele tem a nos mostrar*. Ela não disse o trecho bíblico que estava lendo, mas percebi que as pessoas logo identificaram e abriram suas bíblias e, como numa espécie de adivinhação, logo acompanhavam o que ela estava lendo. Terminada a leitura, Joana fez uma pequena palestra, o que ela mesma intitulou de pregação: *Quero nessa pregação, fazer com que a palavra de Deus chegue até nossos dias...* Esse momento, que também era intercalado por falas dos membros do grupo, durou cerca de 20 minutos.



Quando terminou sua pregação, Joana convidou as pessoas que quisessem, a fazer o seu testemunho de vida ou do que havia acontecido naquela semana e gostariam de partilhar. Um dos testemunhos que mais me chamou atenção foi de um rapaz, que havia chegado um pouco atrasado no grupo aquele dia:

Eu não queria vir hoje, sentia que algo errado estava acontecendo comigo, não era algo de Deus. Eu tinha preguiça tinha dor de cabeça, achava que devia continuar trabalhando em casa. Acho que era algo maligno que fazia ter essa preguiça. Depois parei pra pensar, vi que a Renovação e Espírito Santo são maiores que as forças negativas e agora me sinto bem melhor, novo pra seguir com minhas atividades, é como se um pequeno milagre tivesse acontecido em mim pra eu vencer o mal, agora nem dor de cabeça eu tenho mais.

Ainda que não tenham sido narrados milagres no grupo, o depoimento do rapaz cita a referida ação na sua vida como um milagre. A narrativa vai ao encontro do que Carranza (2000) observa quando afirma que “a RCC prega que milagres acontecem de forma geral e dá oportunidade que sejam narrados publicamente” (p. 102). Ainda que, segundo a autora, haja uma vinculação comum com o pensamento católico de milagres, nesta pesquisa não foi observada alusão a santos, frequente no pensamento católico, portanto essa relação acaba de certa forma sendo generalizada quando se refere a todos os casos de milagres no universo carismático.

Após os depoimentos, Joana convidou os membros a irem mais pra frente, perto de onde ela estava e fazerem um pequeno círculo, e eu também fiz parte daquele momento, ainda que não tenha realizado nenhuma atividade de oração. Ali, conforme Joana falou, seria o momento final do encontro. Todos estavam de olhos fechados, abraçados, quando Joana começa a pedir a proteção e luz para aquele momento: *Senhor Jesus olha cada irmão aqui reunido, atende o clamor do coração de cada um, eu sinto que tem alguém aqui que está ansioso com o coração apertado, dá luz pra essa pessoa Jesus.* Ao concluir essas palavras Joana inicia novamente a “oração em línguas”, naquele instante entre uma fala e outra Joana entoava a “oração em línguas”. Cerca de quatro vezes só naquele momento aconteceu esse tipo de oração.



Num dado momento da fala de Joana, ela parece identificar algo em alguém mais uma vez, “... *eu sinto que tem alguém aqui que não está bem...*” Dias depois ela me confirmou que aquilo havia sido uma profecia, ou seja, ela disse que Deus a havia dado um sinal de que alguém estava assim naquele momento, mas que ela não sabia quem era, mesmo aquela pessoa não se manifestando, ela tinha a certeza que Deus havia tocado nela. Ela também relatou que aquilo era um dom dado pelo Espírito Santo para que pessoas, como ela, ajudassem os outros. Joana foi enfática ao afirmar era preciso não confundir a profecia com outras formas de manifestação, como adivinhação e mágica, pois atitudes desse tipo não são dadas de Deus através do Espírito Santo.

Joana: Esse dom da profecia é algo que ganhamos para saber o que está acontecendo naquele lugar sem que ninguém nos diga nada. Isso não pode ser confundido com adivinhação, nem mágica. É algo sério, nem todo mundo ganha esse dom, ele não vem a hora que a gente quer, temos que deixar Deus agir pela ação do Espírito Santo. Só faço isso quando ele age, mas eu tenho noção de tudo que está acontecendo, vejo todo mundo, posso te dizer exatamente o que aconteceu, a gente fica consciente, mas age por Deus. Eu falo essas coisas porque Deus não quer eu fique só pra mim.

A narrativa de Joana deixa claro que ainda que seja algo que ela pessoalmente tenha ganhado de Deus, essa função não poderia ser usada individualmente. A função deveria ser fornecida aos demais através de sua fala, ou, como ela mesma classifica, de sua profecia. Ainda que haja experiência individual no grupo de oração, como foi possível observar através do testemunho do rapaz, “na RCC, a fonte do carisma, do poder sobrenatural irruptivo ao presente, não seria a exclusividade de uma relação individual” (SILVEIRA, 2008, p. 93).

Terminado aquele momento, Joana deu avisos para o grupo, pediu que cada um rezasse pelo outro, a fim de pedir a santificação do amigo. Em seguida proferiu a bênção e todos aos poucos foram embora, logo após algumas poucas conversas entre si.



Diante dessa observação participante no grupo de oração, ficou claro para mim aquilo que Mary Douglas (2010) fazia questão de lembrar, que “não existem relações sociais sem atos simbólicos”. Essa evidência pôde ser observada já na chegada ao grupo, no estilo de acolhida e durante todo o encontro que durou cerca de duas horas. Diversos outros atos foram observados: o círculo, a mão erguida, o balançar do corpo, os testemunhos, etc. Essa relação do grupo enquanto parte atuante da RCC, nesse dado contexto, se dá pela execução desses referidos atos, num processo, por assim dizer, ritual. Ou seja, essa “ritualidade torna-se performance que organiza os enunciados verbais e corporais em “unidades” de significação” (SILVEIRA, 2008, p. 119).

MAIS MANIFESTAÇÕES DAS “LÍNGUAS”.

Foi no grupo de oração que presenciei pela primeira vez a “oração em línguas”. Já havia visto pela televisão, mas dessa vez era algo diferente, impactante, até mesmo pela forma que as pessoas manifestavam isso. Queria entender mais o que era aquilo, ao menos para meus interlocutores.

Parece-me que o desejo de saber a compreensão do outro sobre o “orar em línguas” era mútuo. Joana, que comandava o grupo de oração no dia em que presenciei tal prática, fez questão de me interrogar, no dia em que fui a sua casa, se eu sabia o que era aquilo que tinha acontecido. Assim que respondi que aquilo era a “oração em línguas”, ela me retrucou dizendo: *Não era somente isso, era a ação de Deus, por meio do Espírito Santo em nossas vozes, não fazemos isso por vontade própria.* Nos momentos em que ela me falava dessas atitudes sempre fazia questão de afirmar que aquilo acontecia, sobretudo, pela ação de Deus e do Espírito Santo.

Joana se enquadrar como simples instrumento para que uma entidade dela faça uso para manifestar essas atitudes, mesmo ela estando consciente de tal ato, como já mencionado antes. Sobre essa ação Joana mesmo relata que ela sabe quando isso está acontecendo e quando vai ter tal atitude:

Joana: Eu começo a meditar sobre o Espírito Santo e de repente eu sinto a presença dele, sinto um calor forte, é muito bom, sinto arrepios, me controlo

para que isso não me domine e começo a “orar em línguas”. Não sou eu quem quero sentir isso, gosto muito quando vem, mas não como um relógio que tem horário fixo, mas sei que é em algum lugar onde há outros carismáticos.

Abigail tem um relato parecido com o de Joana, no entanto ela não consegue controlar as sensações, ela também relata como isso aconteceu pela primeira vez:

Abigail: Eu estava numa missa carismática, era algo muito bom como nas outras vezes que já tinha participado. Num certo momento o padre começou a clamar o Espírito Santo, dizendo: “Vem Espírito Santo, vem em forma de pomba, vem com força...” Comecei a chorar muito, de uma maneira que eu não conseguia controlar e de repente parei e comecei a rezar daquela maneira, em “línguas”. Até hoje nunca sei o momento que vem, sei que é ação do Espírito Santo. Toda vez que eu rezo em “línguas”, me sinto com a alma lavada. Nos grupos de oração que participei em todos eles tem “oração em línguas”, no entanto, já rezei assim aqui em casa, quando eu estava sozinha. Todas às vezes eu sinto essa calor me dominar e do nada começo a rezar assim, no início eu não gostava daquilo, mas hoje deixo Deus agir.

Nesses relatos, ainda que haja uma relação entre as formas de sentir o momento de tal ato, não há, porém, uma convergência para o modo que eles sempre têm de acontecer, pois, de um lado, Joana destaca que essa ação só acontece na coletividade, enquanto Abigail afirma já ter manifestado o dom em sua casa, na sua individualidade. Outros relatos também mostram de que forma se manifestam essas “orações em língua”:

Robson: Eu simplesmente imito o que o padre fala. Como participo pouco de grupo de oração, sei que é nas missas que manifesto essas ações, mas mesmo imitando o padre, sei que é um dom que Deus me dá pra fazer isso.

Priscila: Eu nem sabia “orar em línguas”, só via o Robson orar assim e sabia que aquilo era um dom do Espírito Santo. Certo dia eu estava num retiro de



“cura e libertação” estava concentrada pensando em coisas boas, não me lembro bem o que era, mas sei que eram coisas boas. Minha boca começou a se abrir, minha língua enrolar, os sons saíam de minha boca e não sabia como. Fiquei muito feliz, mais até do que se eu tivesse ganhado um carro, pois sabia que aquilo era o dom que estava sendo recebido por mim.

Até mesmo no casal o dom se manifesta diferentemente, para Robson não há nada de errado em repetir as palavras, para ele isso é também “orar em línguas”, pois essa repetição seria uma inspiração divina. Priscila por sua vez, assim como Joana e Abigail, afirma sentir algumas reações até chegar o momento de tal ato. No princípio pensei em relacionar todas essas reações a princípios de transe espiritual e pensar a partir dessa perspectiva. Como estou dando ênfase ao discurso e às práticas que os próprios interlocutores constroem, não caminhei pela perspectiva de transe. Os próprios interlocutores também não me iriam dizer que entravam em transe ou não, portanto preferi seguir sua própria classificação, quando eles diziam e entendiam estas reações como algo sobrenatural. Muito deles, ainda que acreditassem veementemente que aquilo existia, frisavam que era algo sobrenatural. Conforme alguns relatos, tudo isso acontece mesmo sem eles saberem em que momento vem as reações, mas, ainda segundo eles, é possível controlar e narrar cada passo do processo.

Outro momento em que presenciei de maneira ainda mais evidente a dimensão coletiva da “oração em línguas”, foi com o casal Claudio e Patrícia quando me convidaram para participar da missa, numa igreja em Florianópolis, que todos os meus interlocutores já haviam citado. Resolvi ir com eles, no mesmo carro, a fim de no caminho dialogar um pouco mais sobre esse e outros assuntos. Fomos cerca de uma hora e meia antes da missa começar, afinal Patrícia havia alertado: *“Precisamos ir cedo, a igreja sempre lota com essas missas.”*

Na chegada parecia uma igreja normal, como qualquer outra igreja católica, com a presença de imagens de santos, água benta na entrada. Antes de a missa começar houve uma pequena animação, com cantos e louvores. Aos poucos a igreja ia enchendo, em pouco mais de trinta minutos, muitas pessoas já estavam sem conseguir entrar.



A missa começou com muitos cantos. Mesmo sem querer fazer uma etnografia da missa propriamente dita, destaco alguns elementos centrais. Alguns minutos após a missa ser iniciada, o padre pediu para que as pessoas fechassem seus olhos e levantassem as mãos para o alto. Como bem destaca Silveira (2008), ao falar das manifestações carismáticas, “de maneira geral são vários atos encadeados que formam uma sequência ritual” (p. 114). Naquele momento muitas expressões verbais eram enunciadas pelo padre: “*Não deixe de agradecer a Deus por estar aqui.*” “*Você é feliz porque Deus te ama.*” “*Você tem poder porque Deus te dá poder.*”.

O padre é quem controla todos os atos ali, desde o início pude perceber a centralidade que ele assumia. Após todos esses momentos, de olhos fechados e mãos erguidas o padre afirma que é a hora do perdão, de todos pedirem perdão a Deus pelos pecados contra o próprio Deus, contra os irmãos e contra si, pois era o pecado que impedia de viver em Cristo. Com a absolvição que o padre profere, muitos pareciam chorar, mas percebi que Claudio e Patrícia não estavam chorando.

A missa prosseguiu com o momento de louvor, com palmas, gestos e alguns poucos até gritavam no meio da música: “*Aleluia Jesus.*” Conforme lembra Prandi (1998), ainda que não sejam com as mesmas palavras ditas pelo padre, “o sacerdote diz que o louvor é um momento muito especial no qual todos se entregam a Deus e agradecem a Ele tudo que são e tudo que têm” (p.65). Sem terminar esse momento ainda, o padre pediu insistentemente: “*Eleve sua voz a Deus, deixa agir, se abra nesse momento*”. Foi naquele momento que ele começou a “orar em línguas”, seguido por parte da multidão, parecia um coro de vozes onde não se entendia nada do que cada uma falava. Sempre o padre começava com essa oração para depois as pessoas que estavam na igreja “orarem” junto. Muitas pessoas que não sabiam “orar” daquela maneira ficavam em silêncio. O padre ia aumentando o tom de voz, era algo que não se repetia: “*iierei, ocihin ialaiaieu achiberiali...*” (parte do que consegui compreender dessas orações). Entre uma oração e outra o padre ia dizendo: “*Deixe seu coração se abrir, deixe o Espírito Santo tocar, eleve sua voz aos céus*”, logo após continuava, o momento era interrompido quando ele começava a entoar um canto ou diminuía gradativamente o tom de voz na oração. Em momentos diversos da missa essas orações eram entoadas sempre por iniciativa do padre.



Todo balançar dos corpos me fez lembrar o estudo de Carranza (1994) realizado com os carismáticos no Rio de Janeiro, ela assim como eu, observava que as pessoas

alegremente balançavam os quadris acompanhando os cântico e que num determinado momento passaram a desenvolver uma verdadeira coreografia marcada sequencialmente pelas palmas, o sinal da cruz, a genuflexão e finalmente de pé, pelas mãos elevadas em direção ao céu. [...] A espontaneidade, o molejo do corpo e a riqueza gestual destoavam totalmente das frias cerimônias celebradas pelos padres mais tradicionalistas e mesmo das lembranças da contrição e rigidez dos corpos das mulheres católicas mais fervorosas nos seus passos lentos e lamuriosos nas tradicionais procissões.(p.1)

A missa durou cerca de duas horas, sai bastante impressionado pelo que as pessoas, próximas dos lugares onde eu estava sentado, comentavam entre si: “*Nossa! Hoje realmente o Espírito Santo agiu em mim, me sinto outra.*” “*Como teve força essa missa hoje.*” “*Que benção, me sinto tão bem.*”.

Ao me encontrar novamente com Claudio e Patrícia dias depois daquela missa, inevitavelmente entrei no assunto da “oração em línguas”. Claudio disse que nunca conseguia ter aquele dom, até que se sentiu muito feliz quando conseguiu: .

Claudio: Eu me sentia triste por não conseguir, até que um dia numa dessas missas o padre começou a “orar em línguas” e quando ele terminou percebi que mesmo baixinho eu continuava e de repente parei. Foi muito bom, acho que pelo barulho que tinha naquele lugar eu não percebi que eu estava orando daquele jeito. Hoje todas as vezes que oro assim eu sei quando faço, em que momento eu faço. É algo muito intenso dentro da gente, eu não sei te traduzir o que são essas palavras, mas pra mim não importa, sei que é Deus que age em mim.

Patrícia, ao contrário de Cláudio, disse nunca ter recebido esse dom, pretende receber um dia, mas nem por isso deixa de ser carismática:

Patrícia: Acho que um dia esse dom vai vir pra mim, pode ser que ainda eu não seja digna, mas vai chegar o momento. Mesmo assim eu amo a Renovação, ela faz parte mim.



Ao dialogar um pouco mais sobre essas missas, perguntei a eles sobre outras possíveis práticas carismáticas. Em outras missas que fui depois dessa que acompanhei Claudio e Patrícia, não ocorria manifestações e práticas da RCC, como repouso do Espírito Santos e expulsão de demônios.

Claudio: Realmente achei que mais coisas iriam acontecer naquela missa, mas acredito que a Renovação lá, já está numa fase de consolidação, daí não há necessidade desses sinais com mais frequência como antes acontecia. Mas ainda acontece um pouco.

Ainda sobre a “oração em línguas”, há quem siga outro viés, o da discordância. Izabel acredita que essa oração é algo desnecessário e faz observações contrárias a tal ato, mesmo se considerando carismática:

Izabel: Eu não sei rezar assim, acho isso feio, não quero ter esse dom, não considero isso um dom. Acho essa manifestação errada, às vezes é uma gritaria sem tamanho. Quando quero conversar com Deus eu falo o bom português, sei que ele entende.

Diante de tudo o que apresenta, o determinando para ação carismática, é como as pessoas querem manifesta-la, transcendendo assim, parte das diretrizes do movimento. Sendo assim, mais do que um movimento instituído, com regras e orientação pré-definidas, para os interlocutores desta pesquisa, a RCC é um conjunto de práticas que adquirem uma lógica em suas próprias vidas e que não necessariamente precisam seguir uma lógica institucional. As técnicas corporais a glossolalia desenvolvidas, ou não, pelos carismáticos colocam as atividades da RCC como uma das formas mais expressivas de apreensão de uma estética no trabalho de campo que só é possível, para o pesquisador, de ser entendida segundo uma lógica que só os interlocutores podem traduzir a partir do vivem, sentem e manifestam.



Referências Bibliográficas:

CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda. Et. al. (orgs.) **Novas comunidades católicas**: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Ideias & letras, 2009.

_____. **Renovação Carismática**: origens mudanças e tendência. Aparecida: Santuário, 2000.

DOUGLAS. Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: VVAA. **Religiosidade popular e misticismo na Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MACHADO, Maria das Dores Campos. 1994. “**Família, sexualidade e planejamento familiar: um estudo comparativo dos pentecostais e carismáticos católicos do Rio de Janeiro**”. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 23 a 27 de novembro de 1994.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, v. 2, 1974.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVEIRA, Emerson Sena da Silveira. **Corpo, rito e emoção**: antropologia dos carismáticos católicos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

SITES:

www.rccbrasil.com.br

www.cancaonova.com.br



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina